

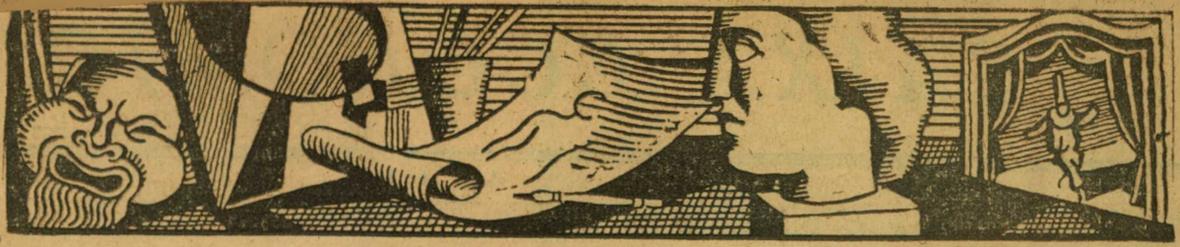
53/02/03

03-02-52

06-02-52

SBH
P. 330 P. 15

14



ABC DAS CATÁSTROFES

Sérgio Buarque de Holanda

DESDE épocas imemoriais que a segurança do mundo anda estreitamente associada à regularidade e a certa reiteração no curso dos acontecimentos. Um aerolito, uma girafa de duas cabeças, uma criança prodígio, um trêvo de quatro folhas, parecem representar verdadeiro atentado à ordem cósmica. Não admira, assim, que cheguem a sugerir, mesmo para os chamados civilizados, qualquer coisa de augural. Na realidade a civilização, trivialização sistemática do mundo, não nos libertou suficientemente da velha suspeita de que poderosas forças, de ordinário mal intencionadas, governam os assuntos temporais e sempre hão de querer manifestar sua presença através de algum ominoso capricho.

Para muitos dos chamados povos primitivos sucede que essas forças

adquirem uma realidade omnipresente, quase palpável. Tudo depende delas, o bem, tanto quanto o mal, — e este só pode ser eficazmente conjurado, em certos casos, através de habilidosos sortilégios. Nada ocorre aqui de modo inteiramente fortuito: o raio que fulminou esta casa e poupou aquela obedeceu, segundo tôdas as evidências, a uma vontade deliberada que a poucos, entretanto, é dado prescrutar. As tentativas dos que pretendem explicar esse fato como pura casualidade há de parecer-lhe sempre — ao "primitivo" — um meio inepto de fugir a tôda explicação.

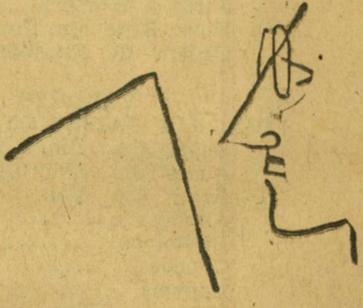
Nesse ponto, e não só nele, a boa razão está sem dúvida com o homem primitivo. O que denominamos civilização é, em verdade, o produto de nosso constante afã de simplificar os fatos da natureza a fim de reduzi-los à nossa medida e poder manejá-los sem maiores estorvos. E quando ocorre que esses fatos opõem resistência ao nosso intento, não custa escamoteá-los. Assim chegamos, pouco a pouco, até a supressão de qualquer curiosidade que perturbe nossos designios. O que se esquivae aos cálculos e previsões incorpora-se comodamente ao acaso, e muitos estorvos parecem liquidados para sempre. Essa divindade — o Acaso — é que irá presidir sobre uma sabedoria unicamente atenta a certos esquemas simplificadores, que, pretendendo, embora, o contrário, visam, no fundo, mais a dominar e utilizar do que a esclarecer os segredos da natureza.

Não falta, é claro, quem busque, além das leis estreitas da casualidade natural, algum princípio mais flexível ou mais complexo, que ajude a abolir, enfim, ou a domesticar o Acaso. O princípio secreto que parece reger os jogos de azar vem sendo, pelo menos

há três séculos, objeto de assídua e cuidadosa inquirição entre sábios insígnies. No entanto, suas teorias de probabilidades têm dado quando muito resultados insatisfatórios, justamente porque não se orientam, a rigor, para a compreensão e sim para a previsão ou a prevenção dos acontecimentos.

ORA, o zelo devotado a tais minúcias não deixa de parecer a alguns o próprio de espíritos mimosos, sem olhos para tudo quanto chegue a abalar vivamente o ritmo ordinário da vida. Uma inundação, uma epidemia, um incêndio, um desabamento, sempre parecerão, a tais espíritos, sucessos atrozes mas só abordáveis na sua intimidade (não, é certo, nas causas e efeitos, que as estatísticas revelam) pelos amantes da sensação, pois é bem evidente aqui a obra do indomável acaso.

De modo que a visão lúcida desses fenômenos fica reservada àqueles indivíduos que, menos marcados pela roupagem da civilização pragmática, ainda têm recursos para esse trato direto, instantâneo, com as coisas que parecera



não raro, o apanágio de uma humanidade primitiva.

Para os outros, os que procuram, por meio de artimanhas, desviar a atenção de quante possa ferir nosso senso da estabilidade e da segurança, entra muito de impertinência, para não dizer de crueldade, nessa visão inutilitária, que se acha, por outro lado, à origem de tôda poesia autêntica. Não foi sem razão que o marquês de Sade, depois de notar como as praças públicas de seu tempo ficavam apinhadas de mulheres durante os assassínios jurídicos, pôde escrever, valendo-se do vocabulário dos seus inimigos, que "elas (as mulheres) têm mais queda do que nós para a crueldade, porque têm a organização mais sensível".

A sedução particular deste ABC das Catástrofes, que Anibal Machado acaba de publicar numa das sempre admiráveis edições Hipocampo, está justamente nisto, que a visão poética, sem nada perder de sua natural intensidade, dispensa a linguagem da vertigem, e adquire, por outro lado, a impla-

(Conclui na 10.ª página)

Continua
no verso →

★ ABC Das Catástrofes

(Conclusão)

cável nitidez de um depoimento perfeitamente objetivo. "É engano", observa, "pensar que a forma violenta por que se processa um desastre seja a vitória da incoerência: tudo indica que o desastre obedece a leis próprias, as quais não foram descobertas devido à rapidez com que acontece, bem como à perturbação da vítima-observador. E também porque a vítima se salva dele com pavor a princípio e logo depois com a ilusão orgulhosa de que soube evitá-lo ou vencê-lo — o que impossibilita o depoimento objetivo".

TÓDA a arte de poeta — por que não? — consiste em fazer plenamente visível a regra obscura dessas calamidades públicas, reduzindo a emoção do espectador ou da vítima como numa espécie de câmara lenta e desvendando assim tudo quanto a rapidez dos acontecimentos pretendeu dissimular. Ele próprio chegou a sonhar com a possibilidade de um instrumento que torne possível dar, assim, à expressão da pura emotividade, a frieza do mais rígido raciocínio. "Assim como o pesquisador constrói máquinas especiais

(Conclusões da 4.ª e 5.ª p)

para experiências no fundo do mar e na estratosfera, não há razão para que não se imagine um aparelho dentro do qual possa alguém, em plena catástrofe, registrar com calma tudo o que se passa nela".

Contudo, Anibal Machado bem sabe que a inquirição minuciosa de tudo quanto perturba nossa segurança terrena tem em si qualquer coisa de demoníaco, e o zelo dos que vêm procurando, através dos séculos, ocultar-nos tamanhos abismos deve nascer, assim, de uma união piedosa. O domínio que nos foi destinado, a nós, homens civilizados e coerentes, é o da claridade e da vigília. O imprevisto das catástrofes, interrompendo a estabilidade quotidiana, parece pertencer entretanto a um reino diabólico, noturno, separado, deste mundo por fronteiras muitas vezes agrestes. De suas excursões constantes ao limiar desse reino da noite resultou mesmo um precioso depoimento — a *Topografia da Insônia*, — que forma a segunda parte deste livro.

É evidente que, devendo transpor para o claro idioma terrestre — que em sua pureza ideal, é o dos códigos e o dos números — aquilo que se passa num obscuro ultramundo, ele parece forçado, embora, por momentos, a transigir com a incoerência real ou suposta da linguagem própria das catástrofes ou da insônia. Mas quando escreve que "um pedaço de perna salvo de um desastre não pertence a ninguém: é um pedaço de perna", ou que "um hangar de aviões tem muito mais de pavilhão de ortopedia do que de gaiola de pássaros", ou ainda — esta *gregueria* — que "no estado de ruína os velhos prédios se convertem à religião", seria falso procurar lê-lo como se liam por exemplo aqueles provérbios "à moda do dia", que Eluard e Benjamin Peret nos propiciaram nos tempos áureos do surrealismo.

O fato é que, mesmo durante sua presença naqueles territórios defesos, Anibal Machado sabe preservar-se: seu pacto com o demônio não é irremissível. Desta "saison en Enfer" resultou, assim, um relatório empolgante e verdadeiramente sem paralelo, no gênero, em nossa literatura e em nossa poesia.

Para remessa de livros: Rua Haddck Lobo, 1623 (São Paulo).